

UM VENTO DE MORTE SOPROU NOS
SERTÕES NORTE-MINEIROS:
A GRIPE HESPANHOLA NAS PÁGINAS
DO JORNAL PÃO DE
SANTO ANTÔNIO (DIAMANTINA, 1918)

**Un viento de muerte sopló en el interior norte mi-
neiro :**
**La gripe española en las páginas del diario pão de
Santo Antônio (Diamantina, 1918)**

Ramiro Esdras Carneiro Batista
Pedro Borges Pimenta Júnior

**UM VENTO DE MORTE SOPROU NOS SERTÕES NORTE-MINEIROS:
A GRIPE HESPANHOLA NAS PÁGINAS DO JORNAL PÃO DE
SANTO ANTÔNIO (DIAMANTINA, 1918)**

Ramiro Esdras Carneiro Batista⁵⁶

Pedro Borges Pimenta Júnior⁵⁷

RESUMO

O artigo vale-se do escrutínio de jornais de circulação nacional e regional com o fim de confrontar a ausência de estatísticas e informações detalhadas sobre o morticínio causado pela pandemia gripal de 1918-1920, aqui situada no contexto socioespacial dos sertões do Norte de Minas Gerais/Brasil. A análise das notícias e discursos escritos – supostamente hegemônicos – busca denotar a mansidão da emergência sanitária em território nacional em contraposição à degradação das condições de saúde e segurança alimentar das pessoas. Em especial, o escrutínio das edições de 1918 e 1919 do jornal O Pão de Santo Antônio, em circulação na cidade de Diamantina – MG, foi possível aproximar o debate epistêmico de época com a insegurança e contradição proporcionada pelo discurso de médicos e autoridades sanitárias, bem como a percepção escatológica de mundo que desorganiza as relações econômicas e sociais vigentes, o que é visibilizado em diferentes edições desse semanário, na medida em que a “gentil espanhola” avança ceifando vidas pelos recônditos do interior de Minas, no início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Memória e Periodismo; Eventos pandêmicos; História do século XX

**UN VIENTO DE MUERTE SOPLÓ EN EL INTERIOR NORTE MINEIRO :
LA GRIPE ESPAÑOLA EN LAS PÁGINAS DEL DIARIO PÃO DE
SANTO ANTÔNIO (DIAMANTINA, 1918)**

RESUMEN

El artículo utiliza el escrutinio de periódicos de circulación nacional y regional para enfrentar la falta de estadísticas e información detallada sobre las muertes causadas por la pandemia de gripe de 1918-1920, aquí situada en el contexto socioespacial del interior del norte de Minas Gerais/Brasil. El análisis de las noticias y discursos escritos – supuestamente hegemônicos –

⁵⁶Graduado em Pedagogia e Especializado em Serviço de Inspeção Escolar pelo Centro de Educação Integrada do Vale do São Francisco (CEIVA); Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com doutorado em curso na mesma instituição, área de concentração em Antropologia Social, na linha de pesquisa Povos Indígenas e Populações Tradicionais. Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) ramiro.esdras.carneiro@gmail.com

⁵⁷ Graduado em Letras/Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (2003) e mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (2019). Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. pedro.pimentajr@gmail.com

que buscan denotar la debilidad de la emergencia sanitaria en el territorio nacional, frente a la degradación de las condiciones de salud y seguridad alimentaria de las personas, como lo señalan diarios de circulación regional, nos permiten abordar el debate epistémico de la época; con la inseguridad y contradicción que brinda el discurso de médicos y autoridades sanitarias; así como la percepción escatológica del mundo que desorganiza las relaciones económicas y sociales actuales, visible en diferentes ediciones de los semanarios locales, en la medida en que la “gentil chica española” avanza cobrando vidas por el interior del estado de Minas Gerais, a principios del siglo XX

PALABRAS CLAVE .Memoria y Periodismo; Eventos pandémicos; Historia del siglo XX.

Introdução

[C]ertamente, para muitos, o fim do mundo era próximo e certo, o que os levava a tentar esquecer a doença no prazer (...) Nessas condições, o medo da morte produziria várias interpretações e algumas afirmariam uma desordem planetária (eclipses, cometas) ou a punição divina. (...) Há, ainda, descrições de cavalheiros apocalípticos surgindo dos céus, atingindo os corpos com uma centelha e um fogo que queimava as pessoas e as cidades. Castigo divino, influência dos planetas e contaminação do ar e da água por 'suspeitos' eram respostas que davam sentido às epidemias e ao cotidiano massacrado pelo horror (SANTOS, 2006, s.p.).

Para além do significado socioambiental, econômico e biomédico que impacta a história das sociedades humanas de forma intermitente e ao longo dos séculos, pode-se inferir que eventos pandêmicos são seguidos de debacles epistêmicos – a exemplo do caso que tomaremos a análise – dada a urgência da produção de conhecimentos, signos e significados que possam conferir sentido ao fenômeno da extinção da vida como a conhecemos, o que via de regra toma um caráter escatológico, a exemplo do descrito no caput do texto.

É fato que tais explicações e/ou produção de verdades mostram-se sempre insuficientes e confusas, quando intentam explicar a catástrofe. A revelia da paralisia econômica, os eventos epidêmicos/pandêmicos implicam em efeitos dele-

térios para o tecido político e social dos arranjos e organizações humanas a eles expostos. Sabe-se que o equilíbrio precário destes arranjos desaparece ante às exigências econômicas, políticas e ambientais impostas pelo evento pandêmico, o que pode ser constatado no escrutínio da história de diferentes eventos dessa natureza, no mundo ocidental. (Beltrão, 2022).

Nesse sentido, os mitos de origem das pandemias que sobrevivem aos eventos apresentam-se de forma contraditória e interessada, produzindo narrativas históricas que visibilizam as disputas econômicas, políticas e territoriais que caracterizam sua época, em uma perspectiva global, mas também são capazes de traduzir o cotidiano em algum gradiente local.

No presente artigo, toma-se á análise a produção de verdades sobre o evento pandêmico de 1918-1920, que passou para a literatura histórica com o duvidoso título de Gripe Espanhola⁵⁸ – na região norte do estado de Minas Gerais/Brasil. Para proceder á análise recorreremos à leitura de semanários que sobreviveram ao tempo, buscando entrecruzar o conteúdo localizado nos jornais com a literatura que versa sobre a relação entre pandemias globais e epidemias localizadas. Nossa pesquisa documental foi realizada nos acervos da Hemeroteca Nacional, mantida pela Fundação Biblioteca Nacional do Arquivo Público Mineiro; da Biblioteca Estadual Luís de Bessa/MG; e ainda no repositório eletrônico da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG).

Dos semanários escrutinados cumpre dizer que, embora perceba-se na orientação editorial de época uma tendência a mitigar a devastação e o morticínio espalhado pela virose – isto com o provável objetivo de evitar o pânico entre os leitores – vimos que essa linha editorial não conseguiu fazer-se hegemônica du-

⁵⁸ O evento pandêmico de 1918/1920 foi desencadeado pelo vírus influenza H1N1 e vitimou entre vinte e quarenta milhões de pessoas em todo o mundo, segundo Christiane Souza (2008), números que podem classificá-la como uma das mais letais da história. Embora o vírus tenha origem provável no interior dos Estados Unidos (Bertucci-Martins, 2005), atribuiu-se seu epicentro ao país de Cervantes. Em virtude disso, o epíteto “Influenza H espanhola” ou *hespanholita*, no caso do Brasil, passou a ser utilizado para delimitar o fenômeno.

rante o avanço da pandemia. No caso brasileiro, destaque-se que a doença ganhou visibilidade impondo-se rapidamente ao conhecimento da população, em razão de a gripe ter matado o dirigente máximo da nação, o presidente Rodrigues Alves, vitimado pela hespanholita⁵⁹ em janeiro de 1919.

Mas, se por um lado, a morte do presidente implicou na produção de muitas informações sobre a doença no Rio de Janeiro e em outros centros urbanos, notamos que o mesmo não ocorreu nos sertões de Minas Gerais, onde a produção de dados oficiais e a circulação de hebdomadários era deficiente. Nesse sentido, mais do que uma análise sobre os escassos dados oficiais relativos à pandemia de gripe espanhola, o presente artigo pretende discutir como foram registrados e sentidos os efeitos da gripe espanhola na vida das pessoas da região de Diamantina, cidade situada no enclave entre o Norte do estado de Minas Gerais e o Vale do Jequitinhonha, territórios com os mais baixos índices de desenvolvimento humano até o tempo presente, o que pode nos fornecer um vislumbre sobre o avanço da pandemia nos sertões daquele período.

Dados oficiais sobre a doença em Minas Gerais

Como adiantamos, há poucas informações quanto à devastadora passagem da gripe espanhola no estado de Minas Gerais sendo que um dos documentos oficiais ao qual se tem acesso hoje, é a Mensagem encaminhada pelo governador Arthur Bernardes ao Congresso Mineiro. Nesse texto, sem esconder a gravidade da crise, o governo reconheceu a dificuldade para “organizar a estatística para a exposição exata” das informações, chamando atenção para a discrepância entre os dados obtidos e a realidade, especialmente com relação ao avanço da doença nas cidades do interior:

⁵⁹Segundo manchete do Jornal O Estado de São Paulo, edição de 16 de janeiro de 1919. Fonte: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo.gripe-espanhola-matou-o-presidente-eleito-rodrigues-alves-em-1919,70003230487,0.htm> Acesso em 26, mai. 2022.

Verdadeiramente assombrosa foi a epidemia de gripe que irrompeu no Estado em fins de 1918. O Governo tudo envidou para socorrer a população do Estado, victima dessa grande calamidade. Na Capital os primeiros casos surgiram em 7 de outubro, determinando a imposição de medidas rigorosas para evitar a propagação do mal. Suspendeu-se o ensino nos estabelecimentos de instrucção publica e particular, tornou-se a moléstia de notificação compulsoria e a Directoria de Hygiene manteve em systematica vigilancia os hotéis, casas de pensão, etc., não tolerando em habitações collectivas a permanencia de grippados. (...) Para cuidar da gripe no Estado o governo manteve 60 profissionaes, que eram enviados para as localidades mais necessitadas de socorros. Grande copia de medicamentos foi adquirida, procedendo-se à sua distribuição por todas as localidades que os solicitavam. Foram enviados médicos e medicamentos para 49 localidades e apenas medicamentos para 111. (...) Logo que essa epidemia entrou em declínio, tentou a Directoria de Hygiene organizar uma estatística para exposição exacta de suas occorrencias; mas, infelizmente, nem todos os municípios corresponderam ao appello que lhes foi feito nesse sentido, de sorte que os dados obtidos estão muito aquém da realidade. Em Bello Horizonte deram-se 239 obitos occasionados pela gripe (MINAS GERAIS, 1919, p. 66 -673).⁶⁰

Contraditoriamente, os relatórios da Secretaria do Interior, enxertados nos Annaes da Câmara dos Deputados de 1918 e publicados apenas em 1919, dão conta de outra realidade sanitária, menos desoladora, para o interior do Estado e bastante “lisonjeira” para a capital, Belo Horizonte:

As endemias que assolam o interior do Brasil contribuem para que não sejam boas as condições sanitárias de algumas zonas ruraes do Estado. É exagerada a afirmação de que o Estado de Minas seja um vasto hospital ou um enfermo condenado. Há endemias de caracter sério em certas zonas, que o tempo, os cuidados hygiênicos e, principalmente a engenharia sanitária, hão de extinguir. (...) Foi muito lisonjeiro o estado sanitário da Capital, onde, com character epidêmico apenas se registraram casos de difteria, quasi sempre benignos, justificando assim Bello Horizonte a fama de cidade salubre, de que sempre gosou. (MINAS GERAIS, 1919: 34).

⁶⁰ Na grande maioria das citações de documentos e fontes periodísticas utilizadas neste trabalho, optamos pelo registro da ortografia utilizada na época, bem como pela reprodução dos defeitos tipográficos (rasuras, ausência ou ilegibilidade de palavras e outros sinais) encontrados.

A ausência de qualquer menção à gripe espanhola nesse último documento ajuda a constatar o vazio de dados públicos e oficiais disponíveis hodiernamente, sobre mortes e infectados em Minas Gerais, fato que conduz os pesquisadores desse tema e período histórico a recorrer aos jornais e também aos cronistas e memorialistas daquele início de século, a fim de recuperar os detalhes daquela crise gripal.

Mais vivos do que as estatísticas governamentais, o clamor dos relatos jornalísticos sobre a moléstia e as impressões de grandes personalidades que viveram de perto a pandemia provocada pela hespanholita lançam luz sobre um quadro de extrema fragilidade do aparato público que, idealmente, deveria estar disponível para conter o aumento da mortandade e cuidar dos doentes e famintos que se multiplicavam (e se multiplicam) em diferentes episódios epidêmicos constantes da história do país (BELTRÃO, 2007). Nesse sentido, a insistência na “benignidade” da doença, visibilizada nos documentos oficiais, parece também estar justificada na cobertura jornalística⁶¹ do evento e pode levar à ilação da existência de uma relação de conveniência ou alinhamento entre agentes públicos de turno e os dirigentes dos periódicos. Essa questão, entretanto, não é o fulcro deste trabalho.

Assim, para tentar demonstrar os efeitos da influenza sobre a vida social na região de Diamantina, concentramo-nos nas publicações feitas entre outubro e dezembro de 1918, no jornal local intitulado Pão de Santo Antônio.

O Pão de Santo Antônio, de Diamantina: a mansidão e brandura da gripe frente à carestia dos pobres

⁶¹Importante salientar que o periódico não possuía uma abordagem jornalística profissional, servindo à divulgação de notícias e opiniões de interesse do grupo mantenedor.

O jornal Pão de Santo Antônio foi fundado em 1906 por José Augusto Neves e funcionou como órgão de divulgação da Pia União do Pão de Santo Antônio⁶², instituição filantrópica de inspiração católica, sediada em Diamantina/MG e idealizada com o intento de manter um lar de idosos e deficientes, conhecido como Recolhimento. A publicação, segundo Mário Fernandes Rodrigues (2012), “passou por um hiato, permanecendo em inatividade por cerca de uma década, sendo reativado e rebatizado com o sugestivo nome de ‘A Voz de Diamantina’ no início dos anos 2000” (RODRIGUES, 2012, p. 4).

Analisando-se as edições disponíveis do Pão de Santo Antônio, publicadas em outubro de 1918, não é possível conhecer com clareza os dados referentes ao início da epidemia no município. Nesse período, em mais de três menções à influenza, o jornal faz crer na existência e ação de uma “forma benigna” da gripe, em contraposição a hecatombe que se dava em muitos outros pontos do país.

A negação da gravidade do evento, entretanto, não se deu apenas nas pequenas cidades do sertão. Também no Rio de Janeiro, então capital federal, a atitude negligente e passiva das autoridades políticas e de saúde com relação à epidemia foi decisiva para o avanço da doença. Essa inércia foi criticada e ridicularizada em diversos editoriais e charges publicados nos jornais da cidade, conforme Adriana Goulart (2005). Segundo a pesquisadora, “a morosidade em estabelecer medidas profiláticas e as limitações estruturais (...) despertaram a ira popular sobre diversos personagens do governo” (GOULART, 2005, s.p.). À época, essa raiva teve como principais alvos o presidente da República, Wenceslau Braz, e Carlos Seidl, então diretor de Saúde Pública.

⁶² Segundo Juventino Ribeiro Barbosa, a Pia União do Pão de Santo Antônio foi fundada por um grupo de “militantes católicos”, dedicada à “prática da caridade cristã e à propagação da devoção a Santo Antônio de Pádua, o santo dos pobres e padroeiro da cidade. Seus dirigentes se reuniam aos domingos, na sacristia da antiga Catedral da Sé, para distribuir “cartões de esmolas aos pobres matriculados” na instituição” (BARBOSA, 2017, p. 17).

Embora os periódicos do período já tivessem associado á inação do diretor à rápida disseminação da doença, chamada por alguns críticos de “mal de Seidl” (GOULART, 2005), é interessante perceber nas páginas do Pão de Santo Antônio a defesa de Carlos Seidl, realizada por um anônimo missivista do jornal diamantinense:

Sem causa específica única, demonstrada, a influenza ou gripe, como muito bem disse o dr. Carlos Seidi, o illustre ex-director geral da Saúde Pública, que se viu, há pouco, forçado a exonerar-se, por ter tido a franqueza, a ousadia de proclamar uma grande verdade (palavra ilegível): é a doença da maior difusibilidade, contagiosidade e morbilidade. Em sua marcha caprichosa e vagabunda, tem ela, até agora, em todos os paizes, desprezado todos os regulamentos, todas as medidas administrativas e todas as quarentenas. Tentar impedir a sua invasão, em uma cidade qualquer, é tentar resolver um problema actualmente insolúvel, é um sonho, uma utopia científica (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, edição de 10 nov. 1918, p. 20).

A julgar pelo suposto posicionamento de Seidl, mencionado acima, está bem justificada a sua auto-exoneração em razão da inépcia para mitigar os efeitos da “marcha caprichosa e vagabunda” da gripe. A responsabilização do Diretor de Saúde por parte expressiva da população fica explícita na charge publicada pela Gazeta de Notícias, em 29 de setembro de 1918. Na imagem, a hespanhola bate à porta do dr. Seidl e indaga um funcionário público:

A espanhola: - Faça o favor de dizer ao diretor que estou as suas ordens. Funcionário da Saúde: - Mas creio que não há mais lugar. A espanhola: - Mas, como não, se o doutor Seidl me disse que eu aqui teria uma colocação segura. Isso é um embuste!” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 29 set. 1918, p.)



Figura 1: Reprodução da charge *Mais uma?* Publicada na *Gazeta de Notícias*, em 29 set. 1918: Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Acesso em 16 jun. 2022.

Voltando a Diamantina, em outubro de 1918, mês em que os primeiros doentes apareceram na cidade, constata-se que o jornal não tratou do número de infectados ou de mortos, mas, antes disso, assumiu a tarefa de filtrar as notícias que chegavam das capitais. Apenas em finais de novembro daquele ano o Pão de Santo Antônio divulgou esse tipo de informação com maior rigor. Porém, os registros iniciais sobre a doença, feitos nas páginas do periódico, permitem conhecer diferentes facetas da sociedade diamantinense (e, por conseguinte, do sertão norte-mineiro), naquele primeiro quartel do século XX.

A mais clara imagem obtida da cobertura da gripe espanhola nesse jornal é, sem dúvidas, a da fragilização e desamparo dos mais pobres. Fica especialmente desnudado o baixo nível de conhecimento médico-científico básico da população, à qual só restavam a piedade divina e o consolo das orações.

Mas, se faltava conhecimento científico, exacerbavam-se as preocupações de cunho transcendental, algo que pode-se considerar recorrente nas populações que enfrentaram/enfrentam estados de crise e sítio, sem solução aparente. O sentimento de impotência humana diante das pestes variava entre o relaxamento e o medo de um iminente apocalipse, segundo Ricardo dos Santos (2006):

[D]iante do avanço do mal, a solução mais comum era a fuga. A doença asquerosa não devia mesmo inspirar solidariedade entre os homens. Talvez aumentasse o desejo de escapar do triste destino. Certamente, para muitos, o fim do mundo era próximo e certo, o que os levava a tentar esquecer a doença no prazer (...). O contágio era extremamente rápido. (...) Nessas condições, o medo da morte produziria várias interpretações e algumas afirmariam uma desordem planetária (eclipses, cometas) ou a punição divina. Entre os possíveis responsáveis pela disseminação da peste, os judeus foram acusados e perseguidos. Como outras doenças que assolaram o mundo ao longo dos tempos, as epidemias de peste foram cercadas de várias explicações. (...). Há, ainda, descrições de cavaleiros apocalípticos surgindo dos céus, atingindo os corpos com uma centelha e um fogo que queimava as pessoas e as cidades. Castigo divino, influência dos planetas e contaminação do ar e da água por 'suspeitos' eram respostas que davam sentido às epidemias e ao cotidiano massacrado pelo horror[.] (SANTOS, 2006: s.p.).

Em Diamantina, cidade fortemente marcada pelo catolicismo, era possível ler nas páginas do Pão de Santo Antônio do dia 10 de novembro, uma oração contra a peste, a fome, a guerra e os trovões, dirigida a Nossa Senhora Aparecida.

Mais adiante, na edição do dia 08 de dezembro encontramos breve nota sobre a realização de uma procissão organizada para implorar o socorro divino. Sob o título “Matracas à meia-noite”, o jornal relata o alarme provocado pelo som desse instrumento, “extemporâneo, violento”, que chamava para o ato litúrgico, comum nas celebrações católicas da Semana Santa. Acionada para conter a barulheira, a patrulha policial deparou-se com o seguinte quadro, assim descrito pelo jornal:

Esse facto, mui naturalmente, despertou a curiosa dos noctívagos, que correram em direcção ao ponto d'onde partia o batido forte, mas sêcco do litúrgico instrumento. Deparam-se-lhes, de momento, o popular Manoel Alves, que era quem matracava àquellas horas silenciosas da noite, com o intuito, disse elle, de anunciar uma procissão surda, isto é, sem toques de sinos, o que deveria realizar-se no dia seguinte, para debellar a pandemia reinante. (...) e o resultado foi dar o nosso bom Nequinho com as costellas numa das prisões do Forum (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p. 01, edição 08 dez.).

Entre rezas e procissões, a marcha da “hespanhola” tornou-se o assunto da primeira nota da edição do dia 10 de novembro de 1918. O texto curto avisava aos leitores o motivo daquele número ter saído com apenas duas páginas: “havendo adoecido de gripe a nossa thypografa-chefe⁶³ e mais uma auxiliar da composição, vemo-nos forçados a reduzir a duas páginas apenas a edição de hoje⁶⁴” (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p.01, edição 10 nov.).

Na mesma edição, a epidemia segue sendo o tema de fundo para outro artigo, denunciando a ganância de alguns comerciantes locais que pintaram com “cores negras” o avançar do mal na cidade, para lucrar mais a partir de uma suposta crise de abastecimento de gêneros em virtude do adoecimento dos tropeiros que serviam a cidade.

No texto, o articulista convida os leitores a não se iludirem com o “espantallo injustificável” dos boatos sobre a gripe, já que até aquela data não houvera algum óbito “a não ser um caso em que a victima já se achava atacada por outra moléstia grave”. Alertava ainda o escritor para o uso da influenza como pretexto para o que chamou de uma “exploração indigna”, assim descrita:

⁶³ Uma tarefa de pesquisa interessante é descobrir o nome e outras informações sobre o trabalho dessa typógrafa, dada a raridade da presença feminina nas tarefas da edição em jornais, á época.

⁶⁴ Preservou-se, nas citações dos periódicos e de outros documentos da época, a ortografia original.

Consta-nos que nos districtos visinhos desta cidade, por ande transitam as tropas que vêm abastecer o nosso mercado, exploradores sem consciência procuram amedrontar os tropeiros com a epidemia reinante, pintando com côres negras a maneira pela qual está grassando o mal em Diamantina, e, desta maneira, vão açambarcando os gêneros de primeira necessidade, que compram pelo menor preço, com prejuízo dos próprios tropeiros (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918: 01, edição 10 nov.).

De modo a contrariar a ideia de que a gripe avançava de “forma benigna”, ainda na edição do dia 10 de novembro, o Dr. Nemo (desconhecido dos leitores até aquele momento), assina um breve artigo intitulado A dieta da influenza. Nesse texto, o doutor aproveita para comentar a inflação no preço do frango e a adulteração do leite, provocados pela procura desses dois alimentos, muito recomendados aos doentes em estado febril:

No Rio de Janeiro, o frango e a gallinha estão valendo quasi o preço do grão de diamante entre nós, e já tem havido muita pancada, sarrilho grôssos, intervenção do Chefe de Polícia, etc. para se poder adquirir frango. O leite, igualmente, depois de desdobrado e augmantado de mil módos, só pode ser adquirido por ricos. Por aqui também dizem que elle já vae sendo augmentado com água (até do córrego Lava-Pés) e com povillo. Eu não afirmo e nem nego, porque reconheço que isso é humano. Quem tiver a responsabilidade da hygiene da Cidade, que indague dessas coisas e providencie. O meu fim é outro (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918:01, edição 10 nov.).

Reconhecendo a escassez desses víveres na cidade, o artigo do dr. Nemo acaba por revelar, indiretamente, a existência de vários doentes, especialmente entre os mais pobres, razão pela qual dirige-se a eles, ensinando-lhes a preparar uma dieta⁶⁵ que dispensava a galinha e o leite (item vendido, a essa altura, a 500 ou 730 réis a garrafa, enquanto o preço normal administrado em Belo Horizonte

⁶⁵ Uma das receitas do dr. Nemo era destinada a “gente grande no tamanho”: “um punhado de feijão (de preferencia branco ou mulatinho, para não ficar o caldo preto), um punhado de arroz (de preferencia com casca), um dito de cevada, um dito de aveia, um de centeio, um de cangica (...) ajunte uma colher de sôpa de farinha de trigo, tempere com sal e um pouco de manteiga de vacca sem ranço, bem entendido”. A recomendação do dr. era tomar uma chávena a cada 3 horas. (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p.1, edição 10 nov.).

era de 300 réis o litro). Como explicou o médico “[q]uem não puder adquirir frangos, gallinhas e bom leite, com esses caldos não morrerá de inanição”, recomendou o dr. Nemo (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p.1, edição 10 nov.).

Em 17 de novembro, o Pão de Santo Antônio publica uma carta não assinada, atribuída a um “médico aposentado”, na qual discute se o desastre, para o qual não havia remédio, poderia ter sido evitado em Diamantina, onde a doença sobrevinha com “mansidão e brandura”:

Se por acaso, ainda não o tivemos [o mal, a gripe] recebido dentro dos nossos muros (felizmente, como já o esperava, com uma mansidão e brandura), haveria algum meio certo, infalível, de impedir, de obstar a nova visita de amigo conhecido, que, sob a forma de intensa epidemia, ou antes, pandemia, grandemente auxiliada pelo terror, pelo pânico da população, tem sido, no momento, no Rio de Janeiro, uma calamidade inaudita, um verdadeiro desastre, como nunca registraram os annaes da grande capital? (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918:2, edição 17 nov.).

O missivista, mostrando conhecimento quanto à situação caótica em que se encontrava o Rio de Janeiro, prescreveu como medida profilática mais necessária “evitar, quanto possível, ou empregar os maiores esforços para não se deixar dominar pelo terror, pânico da moléstia”, e acrescentou:

Além do medo (...) ser demonstração da mais ridícula covardia, tratando-se de moléstia em geral tão benigna como a influenza, já nossa conhecida, cujas complicações e formas graves dependem muito de nós mesmos, nada há que justifique. O fato de aparecer agora sob a forma de uma epidemia geral, atacando todo o planeta, não é motivo para tonar-se mais grave, nem mais temida (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918: 2, edição 17 nov.).

Colado a essa carta, publicou-se o breve artigo intitulado “Nossa situação”, que informava a respeito da carestia⁶⁶ que assolava a cidade naquele ano, agudizada pela epidemia: “Si as dificuldades vão sendo precárias para os reme-

⁶⁶ A alteração no preço de víveres como aves e leite foi um fenômeno verificado em muitas regiões do país. Sobre isso, ver SCHWARCZ; STARLING (2020).

diados, que diremos para as classes menos favorecidas, como os operários e funcionários, e para a pobreza?”. As dificuldades mencionadas nesse texto são as mesmas demonstradas pelo dr. Nemo:

Com a epidemia reinante, (...) não há carne verde, não se encontram gallinhas, frangos, nem ovos para o consumo da população. O leite sem água, mesmo a 730 réis a garrafa, difficilmente se encontra, sendo lastimável, dignas de dó, a situação da pobreza, que está passando fome (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918:2, edição 17 nov.).

O jornal do dia 17 de novembro inicia com uma nota semelhante àquela da edição anterior, dando conta da redução das páginas do jornal, agora em razão da enfermidade do diretor do periódico, José Augusto Neves. Contudo, em artigo de primeira página, o jornal voltara a afirmar que, em Diamantina, a epidemia era benigna: “Graças a Deus, a influenza que assola o paiz inteiro nos assaltou em forma benigna”. Não era necessária, portanto, a preocupação da população, embora já houvesse mortes decorrentes da doença:

Não há, portanto, motivos para fortes apprehensões, devendo todos, com coragem, enfrentar o terrível inimigo. Até hontem, não se registrou nenhum óbito, com honrosa excepção de pessôas que, dadas as sua condições organicas, a moléstia se manifestara com ulteriores complicações (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918: 01, edição 17 nov.).

Na edição do dia 24 de novembro de 1918, em meio a anúncios que ofereciam Emulsão de Scott como cura da gripe, publicou-se um curioso texto que associava a epidemia a um flagelo divino, atitude previsível diante da lacuna provocada pela ausência do melhor conhecimento médico-científico: “É cousa sabida que Deus costuma enviar ao povo certos flagellos”. O artigo, intitulado A lição dos factos, faz um breve retrospecto dos castigos infligidos à humanidade até chegar ao evento de 1918:

Eis que nos nossos tempos em que a guerra atroz, na Europa, juncava de cadáveres o solo e fazia rios de sangue, eis que, no meio de dificuldades bem grandes da vida, ao par de uma confusão de cousas e de ideias, eis que surge a epidemia reinante, a influenza hespanhola, ou grippe, como quiserem, que vae pelo paiz, na cidades e nos arraiaes, fazendo sua obra de destruição (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918: 01, edição 24 nov.).

O articulista, identificado pela sigla Pras (colaborador assíduo do Pão de Santo Antônio), vai adiante em sua análise sobre a origem do mal, afirmando que a confiança cega na ciência e no poder haviam levado a humanidade ao abandono da fé e à busca dos prazeres, essas as causas da mortandade de então:

Voltam as costas a tudo que [é] santo, mofam de tudo que é de Deus e da sua Igreja, ufanam-se de saldos uns, de poderosos outros, e se entregam às loucuras do mundo, aos prazeres terrestres, aos divertimentos de toda a espécie; querem só gosar a vida dos sentidos, deixam de lado o espiritual; ahi está pois agora o flagelo que lhes mostra sua cegueira... (...) A sciencia de nada valeu, o poder não impediu a peste, a fortuna não a expulsou, nem a comprou, os prazeres, talvez, a tenham trazido...Onde a cegueira humana! (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918: 01, edição 24 nov.).

Um balaio de notícias: a gentil hespanholita vai embora, o alívio das galinhas, selos contaminados, a caridade diamantinense e o escândalo dos donativos

Na mesma data (24 de novembro), pode-se ler na página inicial do jornal três interessantes artigos relacionados à gripe. O primeiro reproduz um texto do Boletim da Liga pela moralidade, primeiro relato do Pão de Santo Antônio sobre as mortes ocorridas em outras cidades: “Diariamente morrem 300 pessoas em Lisboa, 400 em Paris, 500 neste pobre Rio de Janeiro” (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p.1, edição 24 nov.).

O segundo artigo noticia a contratação do médico Lacerda Guimarães pela Companhia ferroviária Victoria a Minas, “com o fim especial de combater os casos de influenza ocorridos no Ramal de Diamantina” (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p.1, edição 24 nov.). Já o último texto dá sequência ao assunto dos tropeiros amedrontados e ludibriados pelos comerciantes gananciosos:

A impressão que se vae tendo, no momento, de Diamantina, é francamente melhor do que aquela que se recebia dias atraz. Passou o vendaval mais forte; e os estragos que se observam ainda, são fracos, remanescentes do furacão extinto. Os tropeiros, felizmente, já perderam o medo da hespanhola e, embora tímidos, vêm verificar pessoalmente o declínio da epidemia (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918:01, edição 24 nov.).

O jornal atribui a normalização do comércio local como consequência da volta dos tropeiros, fato destacado com ironia pelo cronista ao lembrar que, amainada a crise, as galinhas voltaram a circular pela cidade: “Já se nota, nas gallinhas que passeiam pelas ruas, um signal de allivio e triumpho. Os dias azia-gos são passados” (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p.1, edição 24 nov.).

Quanto ao leite, o articulista explica que os “aproveitadores da gripe” já haviam se conformado em baixar o preço do produto, diminuindo a quantidade de água e de “farinhas não venenosas” misturadas a ele: “E já é motivo para foguetes...”. Para encerrar, ainda em tom jocoso, o texto informa que os médicos da cidade irão encontrar apenas uma “gentil hespanholita”, a “graciosa visitante” que os fizera perder tanto tempo (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p.1, edição 24 nov.).

Já a primeira página da edição de 1º de dezembro é um balaio em que se misturam notícias e impressões diversas, a maioria girando em torno da epidemia. O primeiro artigo, assinado por Pras., elogia a ação da Igreja Católica⁶⁷ para

⁶⁷ A atuação da Igreja Católica durante a gripe espanhola oscilou entre dois polos. Primeiro, a assistência a doentes e famintos, que ocorria graças à vasta e atuante rede de instituições beneficentes mantidas pelos prelados ou por organizações leigas, como o Pão de Santo Antônio (Schwarcz; Starling, 2020). Segundo, a manutenção das atividades religiosas que, por exemplo, chegaram a reunir 3000 pessoas para um ato penitencial em Recife –

socorrer os doentes e famintos no Rio de Janeiro: “Os jornaes pouco falam nestas abnegações; é assim mesmo, pois a caridade christã é exercida sem espalhamento”.

De modo a permitir a comparação entre o trabalho de atendimento aos pobres realizado pela associação católica e o abandono das subvenções públicas destinadas à cidade, o jornal publica na mesma página do dia 1º de dezembro duas notas intituladas “Clamorosa injustiça” e “Falta de caridade” e ainda um artigo de duas colunas, escrito por um colaborador chamado Raul Bruce.

As duas primeiras notas apenas denunciaram o corte orçamentário da subvenção estadual no valor de dois contos de réis, destinada ao Recolhimento dos pobres, instituição de caridade ligada à associação mantenedora do jornal.

O artigo de Bruce, intitulado “Soldados da democracia”, é mais incisivo contra o corte de verbas, lembrando que o governo do Estado virara as costas para a população da cidade, enviando, segundo o articulista, “1/2 kg de quinino e dois pequenos frascos de essencia de canella!!! Isto, para cerca de 20 mil pessoas”. Ao invés de prestar a ajuda requerida, segundo Bruce, o governo encampava uma coleta de donativos destinados aos soldados americanos que lutaram na Primeira Grande Guerra, para indignação do articulista:

Mas, caberá, por ventura, ao governo de Minas, o direito de esperar da caridade de Diamantina uma annuencia prodiga ao seu pedido official? Quando foi do início da epidemia, cujas cohortes aguerridas ocupam ainda hoje o nosso território, ceifando, dia a dia, vidas por todos os títulos preciosas, o illustre superintendente do Ramal de Diamantina, solicitou, telegraficamente, do governo do Estado auxilio e socorro contra a peste que invadia a vasta região da Estrada. Que resposta lhe deram os grandes senhores do poder? – Não ser possível atende-lo! (PÃO DE SANTO ANTONIO, 1918:01, edição 01 dez.).

PE, permitindo ainda mais o espalhamento do vírus (Marroquin, 2023).

Também na mesma página figuram duas breves notícias que ajudam a compreender a potência do discurso religioso no periódico. A primeira lembra aos católicos da indulgência concedida pelo Papa àqueles que recitassem a jaculatória “Sacratíssimo Coração de Jesus, protegei as nossas famílias”. A outra notícia trata da derrota sofrida pelos “espíritas anticlericais de Curityba” em ação que, conforme a nota, pedia a retirada de crucifixo do tribunal do júri.

Espremido entre disputas ideológicas e orações, em tipos menores, publicou-se naquela edição, na segunda página, o artigo “Um perigo”, chamando a atenção dos leitores para a descoberta de que “a gomma dos sellos do correio e das estampilhas é um excellente meio de cultura para os micróbios. [...] Quem avisa, amigo é” (PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918, p.1, edição 01 dez.). Na segunda página, na mesma coluna em que se faz o elogio da Santa Casa de Diamantina em razão dos serviços prestados durante “a triste e dolorosa emergência”, há espaço para o registro de uma anedota sobre o número de mortes na cidade:

Cousas da éphoca....

- Então, Calixto, quantos foram ... hoje?

- 7 e um cachorro...

(PÃO DE SANTO ANTÔNIO, 1918:01, edição 01 dez.).

Assim, entre risos, disputas, orações, galinhas e tropeiros, seguia a cobertura do Pão de Santo Antônio para a crise gripal de 1918.

Ainda na edição de 1º de dezembro, uma breve nota dá a entender que a epidemia estava perdendo força uma vez que os matos já se achavam ocupados pelos “apreciadores da guabiroba”, fruto nativo do cerrado. Na mesma edição, o jornal publica uma entrevista com Eder Jansen de Mello, médico local, para prestar aos leitores “uma informação cuja exactidão fosse assegurada e homologada”, necessária para por fim ao “infundado e ridículo pavôr” de alguns concidadãos.

Na entrevista, questionado sobre a real feição da pandemia na cidade, o doutor observa que “a marcha da infecção gripal (...) entrou francamente no período de deffervescência”. Contudo, para comprovar essa afirmação o médico não utiliza estatísticas, provavelmente porque não as tivesse, mas a simples constatação de que haviam se esvaziado tanto seu próprio consultório como as farmácias da cidade. Porém, quando é instado a dizer a razão de os obituários oficiais registrarem um número enorme de mortes decorrente da falta de assistência médica, o doutor redarguiu lembrando que mal maior não ocorrera em Diamantina porque a classe médica, auxiliada pelos farmacêuticos, trabalhara incansavelmente.

O entrevistador conclui perguntando se a ampliação dos pontos de socorro médico às vítimas teria diminuído o alarmante coeficiente de 63% de falecimentos sem assistência. Mirando, provavelmente, a administração municipal, o dr. Mello concorda que o número de mortes seria menor caso a população pudesse contar com mais postos de atendimento e se houvesse distribuição oficial de gêneros de primeira necessidade à “grande pobreza”.

A desfaçatez do redator que associa a diminuição do número de vítimas ao fato de os matos estarem cheios de gente à cata das gabirobas é semelhante, portanto, à do médico que garante a excelência do trabalho realizado por sua equipe mesmo diante de dados em contrário. O jogo do contente e o escárnio de responsabilizar sempre um terceiro, como se vê, não são fatos novos.

Considerações finais

A leitura do hebdomadário diamantinense nos permite vislumbrar atitudes, narrativas e uma produção de verdades (dúbias) que podem ser consideradas como características dos eventos pandêmicos, dado que nela identificamos discursos e conveniências que se repetem, em sobreposição ao suposto conluio

entre as autoridades de saúde e os profissionais de imprensa, similares ao havido e o vivido na pandemia SARS-COVID um século depois, pelos autores do presente artigo.

Sendo assim, é possível supor um comportamento sociológico e uma predisposição dos entes políticos frente a eventos de emergência sanitária que não experimentou de distinções significativas ao longo de um século, considerando o que temos vivenciado no presente. No Pão de Santo Antônio – como nas publicações midiáticas do presente – as premissas e as interpretações sobre a gravidade ou “mansidão” dos surtos epidêmicos/pandêmico parecem estar a mercê das relações de poder e condicionadas á conveniência de forças hegemônicas em atuação nos órgãos oficiais.

Eventos como a “carestia” artificialmente imposta por especuladores do mercado de bens e serviços que, ao produzirem uma classe emergente de novos ricos, projetam e infligem á degradação dos meios de vida á população pobre, coincidentemente as gentes “miúdas e de cor” que estão mais expostas ás crises sanitárias. O estudo do comportamento discursivo por meio da imprensa escrita no passado também nos permite a ilação de que a repetição das tragédias sanitárias está fortemente relacionada a divisão social do trabalho e da riqueza, bem como da permanência das condições de segurança alimentar e ambiental a que estão expostas as classes populares, quer no século XX, quer no século XXI.

É fato que os marcadores socioambientais estão profundamente imbricados às condições de prevenção e tratamento de crises sanitárias que desde sempre fazem parte do caminhar histórico dos seres humanos. Mas cumpre sublinhar que a condição biomédica “natural” retroalimenta-se das condições sociais historicamente produzidas pelas sociedades humanas. Espanholas, norte-americanas ou asiáticas, as emergências sanitárias tomam dimensões cataclísmicas não por sua origem presumida, mas antes e, sobretudo, pela ausência de organização

e produção de conhecimento, pela razoável distribuição dos recursos e informações que balizem políticas de saúde pública e comportamentos sociais responsáveis e proativos.

Referências :

BARBOSA, Juventino Ribeiro. Multiplicando os Pães. In: UTSCH, Ana (org.). Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: patrimônio gráfico entre ação e preservação. Diamantina-MG: Associação do Pão de S. Antônio, 2015. p. 17-18. Disp. em:<<http://www.museutipografia.com.br/catalogos/catalogo2015.pdf>> Acesso em: 21 maio 2020.

BELTRÃO, Jane Felipe. Memórias da cólera no Pará (1855 e 1991): tragédias se repetem?. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. 2007, v. 14, n., p. 145-167. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000500007>. Acesso em: 18 jun. 2022.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 143-157, abr. 2005 Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Mai 2020.

GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-142, Abr. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2020.

MARROQUIM, Dirceu. Igreja católica, “influenza hespanhola” e áreas de pobreza no Recife – PE (1918). Saeculum, [S. l.], v. 28, n. 48, p. 25–44, 2023. Dis-

ponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/64241>. Acesso em: 4 fev. 2024.

MINAS GERAIS. Mensagem Dirigida pelo Presidente do Estado, Dr. Arthur da Silva Bernardes, ao Congresso Mineiro. Belo Horizonte, 1919, 119 p. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/34582?mode=full> Acesso em 18 jun. 2022.

MINAS GERAIS. Annaes da Câmara dos Deputados de 1918. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1919. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/6916> Acesso em 18 jun. 2022.

PÃO DE SANTO ANTÔNIO: Orgam da Pia União do Pão de Santo Antônio. Diamantina - MG. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Acesso: jun. 2022.

RODRIGUES, Mário Fernandes. Entre o Pão e a Voz: memórias de uma cidade chamada Diamantina. Vozes dos Vales: publicações acadêmicas UFVJM, Diamantina - Mg, v. 01, p. 01-15, maio 2012. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/volume-i/> Acesso em: 21 maio 2022.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. O Carnaval, a peste e a 'espanhola'. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 129-158, Mar. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso: 18 mai. 2022.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 945-972, Dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000400004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 May 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Outras obras consultadas:

PEREIRA, Antônio Emílio. Memorial Januária: terra, rios e gente. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

SOUZA, Ramon Felipe. O Sertão nos Trilhos: ferrovia, ambiente e saúde no debate sobre a integração do Norte de Minas Gerais (Diamantina, 1902-1922). 176f. 2018. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

WERENICZ, Gabrielle. Uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Coronavírus. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus-por-gabrielle-werenicz-alves>